



O Islã cresce em Juiz de Fora

LUIZ CARLOS DUARTE

• Cidade tem Associação Beneficente Muçulmana, atualmente com quase 50 seguidores

Eduardo Vanini

cidade@jfhoje.com.br

Entre as lojas de uma galeria que liga as avenidas dos Andradas e Rio Branco está um espaço inteiramente dedicado ao islamismo: a Associação Beneficente Muçulmana de Juiz de Fora. Com quase 50 adeptos, o local recebe os cuidados de seguidores da religião, que começaram a se reunir num estacionamento, em 1999.

O início do grupo é marcado pela constatação de que o número de muçulmanos na cidade aumentava. Antes de 1999, havia conhecimento apenas de três famílias muçulmanas, que teriam chegado aqui em 1968.

FAMÍLIAS LIBANESAS

O comerciante e membro da associação Ahmad Hussein, 49, explica que a quantidade de adeptos cresceu com a vinda de famílias libanesas para a cidade, além de estudantes de países africanos, como Senegal, para a UFJF. Ele lembra como aconteceu a primeira reunião:

— Cada um pode orar na sua casa. Mas a oração de sexta-feira, que é obrigatória, precisa de, no mínimo, quatro pessoas no mesmo espaço. Ao percebermos que já havia como fazer isso, reunimos dez pessoas e fizemos nosso primeiro encontro num estacionamento



• Seguidores da doutrina se reúnem toda sexta-feira, para oração obrigatória em grupo

da Rua Padre Café.

Nesses dez anos a demanda foi aumentando e passou a receber brasileiros que se converteram ao islamismo. Tal público representa, atualmente, a maioria dos frequentadores da associação.

Hussein explica que mesmo os líderes do grupo em Juiz de Fora não receberam estudo específico sobre a religião. Aprenderam a doutrina com os pais ou por iniciativa própria. Por isso, já convidaram muitas autoridades no assunto para visitar a associação.

— Além das orações, promovemos aulas e palestras sobre a religião. Já recebemos muitas pessoas de grande nível de estudo islâmico — diz.

O comerciante afirma que a América Latina é o continente que tem menos conhecimento sobre a religião. Mas a expectativa é de que esse quadro passe por modificações devido a missões que têm visitado os países para divulgar os ensinamentos.

Seu colega, e também

comerciante, Joda Abdel Rahim, 38, acrescenta que o islamismo vem crescendo ao redor do mundo. Para se ter ideia, até 2020 o número de muçulmanos na França deverá ter ultrapassado o de cristãos.

ADEPTO

Exemplo de pessoas que aderem por conta própria à religião é o presidente da associação, Jihad Oliveira, 41. Educado no catolicismo, ele não estava satisfeito com a doutrina e passou a procurar outras referências. Para ter acesso aos ensinamentos, chegou a escrever para a embaixada do Irã no Brasil, quando ainda tinha 18 anos. Desde então, estabeleceu uma série de contatos que o fez compreender o Islã.

Jihad encontrou na doutrina o que buscava. Por conta disso, enfrentou o estranhamento da mãe, mas logo depois obteve aceitação, ao mostrar que a religião não deve ser associada a aspectos negativos que habitam o imaginário das pessoas.

Os cinco pilares do Islamismo

1. Testemunhar que não existe nenhuma divindade se não Allah (Deus único), e Muhammad (Maomé) é seu mensageiro
2. Cinco orações diárias
3. Doação de 2,5% da renda anual do rico para o mais necessitado (deve ser feito apenas entre muçulmanos)
4. Jejuar no Ramadã (9º mês do calendário muçulmano)
5. Ir a Meca pelo menos uma vez na vida (se tiver condições para isso)

Interpretações distorcidas

Discutido na mídia pelas mais diversas situações, o islamismo, como defende o grupo, tem interpretações distorcidas com frequência. Uma delas é a associação exclusiva com os árabes. Explicam que essa visão é equivocada, uma vez que eles representam, no máximo, 20% dos muçulmanos.

AS MULHERES

Joda comenta que as mulheres, por conta do hijab, roupas que protegem o corpo da exposição exagerada, costumam ser alvo de preconceitos e deboches nas ruas. Explica que são apontadas e questionadas pelo uso dos lenços no calor brasileiro. O grupo afirma também que, por conta desse traje, as muçulmanas encontram dificuldades na hora de conseguir um posto de trabalho.

— Minha filha estuda Química e está no último

período da faculdade. Ela não consegue emprego por conta disso — afirma Hussein.

Para ele, culturas diferentes devem manter respeito mútuo: — Não podemos obrigar as pessoas a terem nossos costumes. Respeitamos todas as religiões — argumenta.

Os frequentadores da entidade acreditam que esses comportamentos refletem questão cultural, já que em outros países os muçulmanos não passam por constrangimentos do tipo. Por isso, valorizam a divulgação correta da doutrina.

O psicanalista Júlio Massud, 32, que também faz parte da associação, aponta que as pessoas costumam estranhar a disciplina que o islamismo exige (ver quadro). Mas, como diz, passado o primeiro contato, encantam-se com a sinceridade e a simplicidade da religião.